

“VAI PRA ESCOLA SÓ PARA COMER? SIM!”: VOZES DE PESQUISADORES DO CAMPO DE JUVENTUDES SOBRE A TEMÁTICA DA FOME

JOSÉ INÁCIO DA SILVA JÚNIOR¹

VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA²

RESUMO

Objetiva-se verificar as percepções de pesquisadores das juventudes que trabalham a temática da periferia, sobre a questão das juventudes que passam fome. O referencial teórico apresenta as juventudes contemporâneas com olhar focado para as periféricas. Para metodologia foram realizadas entrevistas estruturadas com três pesquisadores do campo das juventudes. As narrativas levaram a discutir questões relacionadas aos jovens suscetíveis a insegurança alimentar, como jovens em situação de rua, representatividade, espaços percorridos por eles, estratégias e táticas para contornar situações comuns a estes jovens, entre outros pontos. O trabalho apresenta os desafios enfrentados por jovens inseridos neste contexto e a capacidade desenvolvida para contornar tais situações.

PALAVRAS-CHAVE: JUVENTUDES, SITUAÇÃO JUVENIL, INSEGURANÇA ALIMENTAR

RECIBIDO: 21 DE JUNIO DE 2024
ACEPTADO: 21 DE MARZO DE 2025

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: joseinaciojunior88@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0366412840284282>; <https://orcid.org/0009-0000-4908-5576>

² Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-Doutorado em Educação e em Sociologia. É Professor e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (GEPJUVE/UFRGS/CNPq). E-mail: victor.nedel@ufrgs.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489113176882485>; <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>.

“¿VAS A LA ESCUELA SOLO PARA COMER? ¡SÍ!”: VOCES DE INVESTIGADORES DEL CAMPO DE JUVENTUDES SOBRE LA TEMÁTICA DEL HAMBRE

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es verificar las percepciones de investigadores de las juventudes que trabajan en temas relacionados con las periferias, sobre la cuestión de las juventudes que sufren hambre. El marco teórico presenta a las juventudes contemporáneas con un enfoque centrado en las periferias. Para la metodología, se realizaron entrevistas estructuradas con tres investigadores del campo de las juventudes. Las narrativas llevaron a discutir cuestiones relacionados con jóvenes susceptibles a la inseguridad alimentaria, como aquellos en situación de calle, la representatividad, los espacios que recorren, las estrategias y tácticas para hacer frente a situaciones comunes para estos jóvenes, entre otros aspectos. El trabajo presenta los desafíos enfrentados por los jóvenes insertos en este contexto y la capacidad desarrollada para enfrentar estas situaciones.

PALABRAS CLAVE: JUVENTUDES, SITUACIÓN JUVENIL, INSEGURIDAD ALIMENTARIA

“DO YOU GO TO SCHOOL JUST TO EAT? YES!” VOICES OF YOUTH RESEARCHERS ON HUNGER

ABSTRACT

The objective of this research work is to verify the perceptions held by youth researchers working on matters related to periphery, about youths facing hunger. The theoretical framework introduces contemporary youths from a periphery-centered approach. Methodologically speaking, it is based on structured interviews conducted with three researchers in the field of youth studies. The narratives led to discussions on issues related to young people who are vulnerable to food insecurity, such as homeless youths, representativeness, the spaces they navigate, strategies and tactics to overcome common situations faced by these youths, among other points. The study presents the challenges faced by young people within this context, and the skills developed to face these situations.

KEYWORDS: YOUTH, YOUTH SITUATION, FOOD INSECURITY.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a leitura se faz necessário apresentar alguns apontamentos acerca da construção deste texto. Aponta-se que o trabalho surge a partir das questões sociais que percorrem as escolas de periferias. Por exemplo, a problemática da fome fica extremamente evidente durante e pós pandemia por Covid 19, na qual as escolas se encontram fechadas, mas mesmo assim, buscando alternativas de garantir assistência aos alunos. Os prejuízos da insegurança alimentar persistem e acompanham muitos estudantes pós pandemia. Dessa forma, como pode o Brasil ser um dos maiores produtores em alimentos, mas tendo mais de 125 milhões³ de pessoas situadas em algum grau de insegurança alimentar, entre eles, jovens?

Foram diversos questionamentos. Contudo, a questão que perdurou foi: Como será o cotidiano de jovens inseridos neste contexto de insegurança alimentar? Dessa maneira, coloco que compreender a dimensão da insegurança alimentar para os jovens é olhar e entender os anseios desses sujeitos inseridos neste contexto, que vai para além do ato de alimentar-se. A fome é um limitante social, cultural, político e econômico, sendo ela uma questão que perpassa diversos grupos etários, entre eles, o período da juventude.

Para falar desta questão para jovens é necessário comentar sobre os conceitos pensados por Abramo (2005) de condição e situação juvenil. A Condição Juvenil refere-se a uma construção social referente a um determinado momento da vida, segundo Estatuto da Juventude —EJUVE⁴, dos 15 aos 29 anos; enquanto a Situação Juvenil caracteriza o modo que tal condição é vivida, devido

³ De acordo com o II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (II VIGISAN), são mais de 125 milhões de brasileiros situados em algum grau de insegurança alimentar. Destes, mais de 33 milhões estão passando fome.

⁴ Aprovado por meio da Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013 que Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude-SINAJUVE (Brasil, 2013).

aos diferentes recortes - como gênero, classe, etnia, etc.— que percorrem os diferentes grupos de jovens. Sendo assim, podemos encaixar a fome/insegurança alimentar grave, sendo um fenômeno social, como um recorte na vida de jovens inseridos neste contexto. Logo, analisar os impactos da insegurança alimentar para os jovens engloba discorrer sobre suas vivências e como são afetadas por estarem nesta condição.

Seguindo a legislação no que tange alimentação é inclusão como direito social, em 2010, por meio do artº 6º⁵ da Constituição Federal (Brasil, 1988), sendo assim, estabelece a responsabilização do Estado em garantir o acesso à alimentação a todos e a promoção de políticas eficazes para o combate à pobreza e à fome. Além de tudo, o Art. 19. do EJUVE dispõe sobre o direito à saúde e qualidade de vida dos jovens. Pensando a partir disso, os direitos destes jovens ao acesso à alimentação de qualidade, seja por meio da Constituição e/ou Estatuto, estão sendo garantidos? Para responder a esta questão retomaremos o momento de isolamento social devido ao Covid-19, a partir deste momento conseguimos acompanhar com maior frequência as problemáticas sociais e trazendo para dentro deste trabalho pensaremos a partir do contexto escolar.

Com o advento da pandemia e, conseqüentemente, as escolas fechadas, milhões de alunos passam a ter aulas remotas, muitos têm a escola como uma base para acessarem direitos fundamentais que lhe são garantidos em lei, como é o caso da alimentação. Neste período, as comunidades escolares desenvolveram estratégias para que os alunos tivessem pelo menos acesso à alimentação, escolas da rede pública, por meio da Publicação da Lei 13.987 e da Resolução nº2 (Brasil, 2020), fizeram repasse de alimentos, em muitos casos em forma de cestas básicas, aos pais dos alunos. Com a retomada gradual das aulas professores da

⁵ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

rede pública de ensino conseguiram acompanhar a realidade de seus alunos, na qual muitos alunos apresentaram déficit de atenção, casos de agressividade e alguns momentos sintomas físicos, como desmaio, mas qual a relação destas situações? A fome. Professores, não somente neste momento, se viram além do sujeito que está à frente de uma turma, mas pensando em formas de auxiliarem e orientarem alunos que se encontram nesta posição.

Este trabalho busca responder: *Quais as percepções de pesquisadores (as) das juventudes que trabalham a temática da periferia, sobre a questão das juventudes que passam fome?*

1. DISCUSSÃO TEÓRICA

O entendimento acerca da ideia de Juventude como uma fase da vida surge, principalmente, no séc. XX na qual são atribuídas características específicas, antes era concebida a ideia de que as pessoas passavam diretamente da infância para fase adulta. Sobre a tematização social da juventude no Brasil somente a partir da década de 50 que esta categoria assume uma dimensão social (Abramo, 1997), sendo considerada como uma fase turbulenta e os jovens supostamente tenderiam a serem delinquentes. E a partir da década de 90 se tem visualização e compreensão de ações juvenis coletivas e individuais.

Os estudos sobre a evolução desta categoria apontam o avanço da concepção de que a juventude antes era compreendida como uma fase de transição da infância para vida adulta —baseado em critérios de idade e/ou desenvolvimento biológico— para que hoje seja visto a partir de uma perspectiva ampla e diversa, compreendendo critérios sociais e identitários. Segundo Cavalcanti (2023) não se pode falar em juventude, no singular, como uma etapa de transição para a vida adulta, algo abstrato e difuso, nem se pode ficar preso à fase etária. Apoiado nisso, pode-se compreender Juventudes, no plural, porque

os jovens, como outros grupos da sociedade e sujeitos sociais são diversos, diferentes e desiguais. Podemos assim, compreender Juventude como uma categoria social e historicamente construída, Cavalcanti (2023) acrescenta que juventude é um tipo de vida, de práticas inseridas em determinado contexto social e, que é uma identidade importante aos jovens, que deve ser observado pela sua multiplicidade. É múltiplo devido ao fato de que além de jovens, estes sujeitos, por vezes, são estudantes, trabalhadores, pais, entre outros. São características e vivências que lhes permitem vivenciar a juventude de diferentes modos, possuem pontos singulares e coletivos.

O campo de trabalho em Juventudes é muito diverso, pode ser analisado e relacionado a partir de diferentes perspectivas, seja relacionado a outras categorias ou temáticas emergentes que apresentam significativas contribuições para o campo de Juventudes. Por exemplo, entre as diferentes abordagens, destaca-se as juventudes de periferias, a partir dos escritos de Gamalho (2013) é possível compreender a dimensão dessa temática. Os jovens de periferias, comumente, passam por processo de estereotipação e este fato influencia na vida e como são vistos, os estereótipos mais comuns agregados aos jovens de periferias são questões de desemprego, evasão escolar e violência. Existe um distanciamento social de jovens de periferias para jovens de classe média, para exemplificação, Gamalho (2023) comenta sobre a moratória social, sendo que, ocio para jovens de classe média é socialmente legitimado, visto como um momento de “preparação” para vida adulta e, já para os jovens de periferias, é visto como um problema por terem tempo “livre”, essa concepção em relação a jovens periféricos é uma demonstração da exclusão das diferentes formas de vivenciar o “ser joven”. E esta criação de estereótipos é significativa ao ponto dos sujeitos se questionarem seu pertencimento ou de não se reconhecerem como jovens, visto que as representações sociais hegemônicas em torno do que é considerado “ser jovem” não correspondem com sua vida.

Outra temática trabalhada é em relação ao Juvenicídio. Scherer (2018) considera o Juvenicídio como “interrupção de vidas jovens, de forma violenta por meio dos homicídios, provocados, especialmente, pela condição de precarização existencial gerada pela violência estrutural que impossibilita a construção de projetos de vida e futuro”. A questão do Juvenicídio é tido como um fenômeno que provém da falta de proteção juvenil e, historicamente, decorrente de um processo histórico da sociedade brasileira e que se faz presente, a questão da violência assola, principalmente aos jovens, segundo Atlas da Violência 2021, dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos, isso é 23.327 jovens tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país (Scherer, 2021).

Estabelecendo uma analogia, pode-se compreender a categoria de Juventudes como um prisma (uma figura geométrica formada por retas), as diversas formas de vivenciar a juventude correspondem as retas, que por fim, constitui a ideia de Juventudes (o prisma) e, a partir desta diversidade podemos realizar diferentes análises para compreensão das especificidades dos jovens e como estes sujeitos se constituem. E um dos segmentos que ganha força no campo da Juventude são as questões e fenômenos sociais, que surgem como temáticas emergentes, entre elas as questões de violência, trabalho, desigualdade de gênero e étnico-racial. Outro recorte a ser trabalhado dentro do campo é a problemática da fome/insegurança alimentar. Amaral (2011), inspirado em Carlos Feixa, comenta sobre as culturas juvenis que englobam a expressão coletiva das experiências sociais dos jovens por meio de estilos de vida diferentes, a partir disso, quais seriam as culturas juvenis de jovens inseridos em contexto de insegurança alimentar?

De acordo com Castro (2002), fome define-se como “fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à ação nefasta” (p. 32), fenômeno no qual não restringe somente a Geografia visto que

existe uma complexidade para compreender tal fenômeno, abrange outras áreas como área de medicina, nutrição, psicologia, ecologia, educação, relações internacionais, entre outras, assim, podemos considerar como um fenômeno multifacetado (Nascimento, 2022).

Para mensurar a problemática tratada neste trabalho, se faz necessário pensar na questão da pobreza no cenário brasileiro. Cerca de 22,3% da população brasileira (Segundo a POF 2017-2018) está em algum grau de pobreza. Em relação onde está situada, a população brasileira é majoritariamente urbana, que corresponde a 85,3%, mas desse percentual, cerca de 17,3% da população urbana está situada em algum grau de pobreza. O alarmante está na população rural, que representa 17,3% da população brasileira, dentro desta população, aproximadamente, 51,1% está em situação de pobreza. Podemos compreender a pobreza como a carência e o não acesso às necessidades básicas para os humanos, entre elas, a alimentação. Desta forma, existe uma relação muito próxima no que se refere a pobreza e insegurança alimentar. Contudo, antes de adentrar na discussão do flagelo da fome no Brasil se faz necessário pontuar os níveis de Segurança Alimentar (SA) e Insegurança Alimentar (IA).

Os níveis são determinados a partir da soma das afirmativas em relação às oito questões utilizadas na *Escala Brasileira de Insegurança Alimentar-EBIA*. De acordo com o *I Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil-2021*, as oito questões que servem de base são:

1. os(as) moradores(as) deste domicílio tiveram a preocupação de que os alimentos acabassem antes de poderem comprar ou receber mais comida?;
2. os alimentos acabaram antes que tivessem dinheiro para comprar mais comida?;
3. os(as) moradores(as) deste domicílio ficaram sem dinheiro para ter uma alimentação saudável e variada?;
4. os(as) moradores(as) deste domicílio comeram apenas alguns poucos tipos de alimentos que ainda tinham, porque o dinheiro acabou?;
5. algum(a) morador(a) de 18 anos ou mais de idade deixou de fazer alguma refeição,

porque não havia dinheiro para comprar comida?;6. algum(a) morador(a) de 18 anos ou mais de idade, alguma vez, comeu menos do que achou que devia, porque não havia dinheiro para comprar comida?; 7. algum(a) morador(a) de 18 anos ou mais de idade, alguma vez, sentiu fome, mas não comeu, porque não havia dinheiro para comprar comida?; e 8. algum morador de 18 anos ou mais de idade, alguma vez, fez apenas uma refeição ao dia ou ficou um dia inteiro sem comer porque não havia dinheiro para comprar comida? (I Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, 2021, p. 24)

Este inquérito baseou-se em amostra probabilística de 2.180 domicílios brasileiros —sendo destes, 1.662 domicílios urbanos e 518 domicílios rurais— representando a população geral brasileira das cinco regiões brasileiras, realizada em dezembro de 2020. As respostas às questões foram baseadas nas vivências dos últimos 3 meses dos indivíduos de cada domicílio consultado. O número de afirmativas corresponde ao nível que cada indivíduo encontra-se em relação a IA ou SA. A seguir podemos consultar o número de afirmativas e, respectivamente, o nível.

QUADRO 1. CLASSIFICAÇÃO E PONTOS DE CORTE DA ESCALA BRASILEIRA DE INSEGURANÇA ALIMENTAR DE OITO ITENS, EBIA. VIGISAN INQUÉRITO SA/IA – COVID-19, BRASIL, 2020

Classificação	Pontos de Recorte (nº de afirmativas)
SA	0
IA Leve	1-3
IA Moderada	4-5
IA Grave	6-8

Fonte: Organização do autor com base em informações disponibilizadas pelo I Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, 2024.

Em resumo, estima-se que dos 211,7 milhões de brasileiros, cerca de 116,8 milhões estão em algum grau de IA e mais de 19 milhões de pessoas em IA Grave, ou seja, passando fome (Rede PENSSAN, 2021).

Dessa maneira, podemos considerar a fome como um fenômeno social sendo possível interpretar diversos aspectos da sociedade quando relacionados a outros fenômenos sociais, apresentando comportamentos individuais e coletivos da sociedade. Neste caso, retoma a ideia trazida por Abramo (2005) de Situação Juvenil que caracteriza o modo que tal condição é vivida, devido os diferentes recortes —como gênero, classe, etnia, etc.— que percorrem os diferentes grupos de jovens. Desta maneira, a fome deve ser vista como um fator determinante no modo como um sujeito vivencia a juventude.

CAMINHO METODOLÓGICO

O uso de entrevistas possibilita o pesquisador realizar um aprofundamento para criação de relações entre suas hipóteses e o que é dito pelos seus interlocutores. De acordo com Gil (2021):

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à pesquisa. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (p. 126).

Para esta pesquisa optou-se por entrevistas do tipo estruturada. De acordo com Gil (2021, p. 128), a entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas em que não apenas o enunciado e a ordem das perguntas, mas também as alternativas de resposta são definidas previamente. Diferente de entrevistas semiestruturadas que possuem um caráter aberto, as

questões desenvolvidas encaminham o entrevistado a responder conforme o solicitado, a partir das questões estruturadas.

Por se tratar de uma questão social e política historicamente constituída como sensível e/ou tabu, a seleção dos entrevistados neste momento não são os jovens, visto que pode causar um possível desconforto. E como sendo uma pesquisa exploratória, os entrevistados pensados para esta etapa são especialistas da área acadêmica que trabalham com juventudes. Sendo assim, a entrevista neste caso tem o objetivo de captar a partir da fala dos participantes passagens marcantes, observações, experiências, críticas e opiniões relacionadas ao tema em questão.

QUADRO 2. MODELO DE ENTREVISTA

CARACTERIZAÇÃO
Nome: Instituição vinculado (a): Quanto tempo (aproximadamente) trabalhando com Juventudes:
PERGUNTAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. A partir de sua trajetória, qual perfil seria o de jovens em situação de maior vulnerabilidade social? Estariam eles/as em insegurança alimentar? 2. A fome (insegurança alimentar) interfere no modo de socialização das juventudes? E como este tema se insere dentro do campo de pesquisa? Você percebe a produção científica sobre isso? 3. Em quais espaços você observa o desafio da insegurança alimentar na realidade dos jovens? 4. Como a eventual ação política de jovens frente à insuficiência ou precariedade das instituições interfere em seus cotidianos? 5. Quais são os interesses, lazeres, gostos de jovens em situação de insegurança alimentar? É possível afirmar que esses sujeitos possuem esses acessos? 6. Você acredita que a insegurança alimentar interfere na construção identitária de jovens inseridos neste contexto? 7. Quais caminhos você considera como necessários para superar a insegurança alimentar? E como trabalhar com jovens que estão inseridos neste contexto?

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

A escolha dos especialistas foi conforme suas temáticas trabalhadas dentro do campo das Juventudes, visto que o trabalho possui um recorte de uma questão política e social que abrange determinados grupos sociais. Foram convidados os seguintes pesquisadores: Professor Doutor Leandro Rogério Pinheiro (UFRGS), que tem trabalhado com temáticas de juventudes, processos de socialização/individuação, cotidianos, reflexividades, narrativas e ações coletivas; Professora Doutora Nola Patrícia Gamalho (UNIPAMPA), que trabalha com conceitos como espaço geográfico, representações sociais, periferia, paisagem cultural, territorialidades, práticas espaciais, metodologias qualitativas, Juventudes e educação antirracista e Ensino de Geografia e; Professora Doutora Juliana Ribeiro Vargas (UFRGS), que tem trabalhado com temáticas como juventudes, escolarização, ensino médio, feminilidades, interseccionalidade, artefatos culturais e periferias urbanas. Os três pesquisadores dispuseram do seu tempo e conhecimento para construção do debate sobre fome e juventudes apresentado neste artigo.

Em relação aos cuidados éticos, todos participantes da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de concederem a entrevista, para que estivessem cientes e de acordo com a finalidade da pesquisa. Além disso, o presente texto foi revisado pelos três participantes antes de sua submissão, de modo a que pudessem verificar e revisar suas falas e, novamente, autorizar a publicação do texto que constasse seus nomes.

2. RESULTADOS

DOS JOVENS EM INSEGURANÇA ALIMENTAR

Em busca de compreender quem são os jovens em situação de insegurança alimentar/fome, a primeira questão: A partir de sua trajetória, qual perfil seria o de jovens em situação de maior vulnerabilidade social? Estariam eles/as em insegurança alimentar? As respostas permitiram traçar um perfil de quem seriam os jovens em maior vulnerabilidade social e, conseqüentemente, alimentar, observamos que os sujeitos mais suscetíveis são os de periferias. Segundo a fala do professor Leandro:

[...] as periferias, que são nelas que concentram os marcadores de desigualdade, onde tem muita gente passando fome nessas localidades.
(Leandro Pinheiro)

Ao analisar a fala das professoras e do professor ficou perceptível que são as periferias que emergem como cenários de maior contingente de jovens em vulnerabilidade social e, muito desses, em situação de insegurança alimentar. Esse fato vai de acordo como apresentado por Ramos (2018) que a modernidade, para além do continente europeu, é marcado pelo desenvolvimento baseado na conquista, colonização e integração de países ao mercado mundial, como o Brasil, no qual resultou em conseqüências históricas sobre os segmentos subalternos como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros. Associado a isso, podemos adicionar a questão da insegurança alimentar e para que não prevaleça seu estado mais grave muitos dos jovens periféricos se põem em trabalhos informais. Segundo a narrativa da professora Juliana, com base em sua trajetória profissional, comenta que:

Me recordo da minha experiência de professora, por exemplo, na Vila Dique que fica atrás do aeroporto, que nos meses de final de ano, a gente tinha os esvaziamento das turmas porque as famílias se movimentavam para buscar trabalho, fosse no mercado, na praia, na arrumação de casas

na praia, esses serviços mais precarizados, mas que empregavam desde o “gurizinho” de 10 anos até o jovem de 18,19, 20 anos. (Juliana Vargas)

A partir do relato conseguimos enxergar a precariedade que circula nas periferias, observamos que jovens periféricos são inseridos precocemente no mundo do trabalho. Essa inserção se deve, em muitos casos, para a complementação de renda das famílias dos estudantes, visto que existe uma movimentação familiar. Quando perguntada sobre o trabalho que estes jovens desempenham dentro de tal localidade, a professora comenta que:

É uma população de crianças e jovens que trabalham basicamente no entorno da Ceasa, não carregando frutas, talvez os maiores carregam frutas, as crianças e os pouco mais velhos trabalham fazendo e arrumando caixas de frutas e ganhando centavos por este trabalho. Poderíamos dizer que é um trabalho analogo a escravidão, porque, é muito trabalho para uma baixa remuneração. Também trabalhavam arrancando capim para alimentar cavalos de carroceiros e caminhoneiros. (Juliana Vargas)

A precariedade do trabalho apresentado pela professora vai ao encontro do que foi dito por Tommasi e Corrochano (2020) de que:

[...] os problemas ligados ao mundo do trabalho, tanto no que diz respeito à sua ausência (os índices de desemprego entre os jovens sempre são sensivelmente maiores do que entre a população em geral), ou presença como trabalho informal, mal remunerado, de baixa qualificação, como, ainda, com respeito ao cotidiano dos jovens, especialmente a necessidade de conciliar estudos, trabalho e vida familiar (p. 354).

O trabalho faz parte de uma das dimensões da experiência juvenil. Entretanto, quando visto as condições de trabalho de jovens de periferias enxergamos a precariedade, a falta de profissionalização e remuneração digna. Observamos que a inserção, mesmo que precária, de jovens ao mundo do mercado de trabalho significa uma tentativa de distanciar da fome/insegurança alimentar grave e moderada (torna se uma questão de sobrevivência), não significa que este jovem não esteja inserido num contexto de insegurança, neste caso, encontram se em uma questão nutricional. Um dos pontos que ganha

destaque a partir dos entrevistados, são as condições nutricionais de jovens de periferias em trabalhos informais. Como mencionado pelas professoras Juliana e Nola:

[...] com esta venda (mão-de-obra) há complementação para a não efetividade da insegurança alimentar, mas esse jovem não tem uma alimentação plena, não tem uma alimentação que consiga fornecer, por exemplo, uma vida mais saudável. É muito complicado porque vivemos numa sociedade onde o pacote de bolacha é muito mais barato que um 1 kg de maçã. Ter uma alimentação variada, com nutrientes, se torna muito caro para todo mundo e para quem está em vulnerabilidade social mais ainda, e destes, crianças e jovens acabam sendo bem mais atingidos. (Juliana Vargas)

[...] a população mais vulnerável, tem uma alimentação que não é rica em nutrientes, ela é muito rica em carboidratos e gorduras saturadas, deste modo já vem a importância da merenda escolar, alimentação escolar equilibrada, com nutricionistas. (Nola Gamalho)

A má remuneração pelo trabalho realizado cria uma barreira significativa que compromete a garantia ao acesso a alimentos saudáveis. Ao analisar as palavras da professora Juliana podemos entender a lógica perversa do capitalismo, os jovens de periferia possuem uma relação de proximidade a alimentos considerados adequados a questão nutricional, mas devido a sua má remuneração das atividades desempenhadas por eles, se cria uma barreira que distancia os jovens e impossibilita que consumam tais alimentos.

A professora Nola acrescenta, além da questão nutricional, a importância da merenda escolar para jovens, como uma das formas de promoção à alimentação saudável. Embora a alimentação escolar seja uma medida crucial para solucionar a problemática da fome, salientamos que esta deve andar em conjuntos com políticas públicas e ações que visem garantir a segurança alimentar em curto e longo prazo e que coloque a realidade e os desafios enfrentados por segmentos sociais mais vulneráveis, neste caso, jovens

periféricos, como centro da questão para remediar a realidade da insegurança alimentar.

A FOME NO CAMPO DAS JUVENTUDES

Por meio da segunda questão realizada aos entrevistados, “A fome (insegurança alimentar) interfere no modo de socialização das juventudes? E como este tema se insere dentro do campo de pesquisa? Você percebe a produção científica sobre isso?”, permitiu que fosse observados pontos em comuns entre as respostas. Por exemplo, a partir das narrativas embasadas em suas trajetórias acadêmicas, os participantes constataram que há lacunas em relação a produções científicas dentro do campo de juventudes que abordam temáticas como fome/insegurança alimentar. Conforme a fala dos professores:

[...] foi um tema que eu nunca fui buscar, mesmo trabalhando com a questão das periferias, eu não pesquisei. [...] Acredito, que sim, que existam dados, dados estatísticos, existam pesquisas sobre o tema, mas talvez, elas não cheguem onde deveriam chegar. Aí não é um problema do campo de pesquisa, mas do mundo acadêmico de modo geral. (Juliana Vargas)

[...] achei esse recorte original. Mas eu não conheço pesquisas de quem passa fome na questão de socialização, na integração dos indivíduos. A gente sabe de outras áreas, como na nutrição, que há uma influência na atenção e concentração na escola, além dos riscos óbvios como morte. Mas pesquisas dentro, especificamente, os efeitos na socialização não vejo. (Leandro Pinheiro)

Analisando o que foi dito pelos pesquisadores podemos compreender que não se tem trabalhos que façam o cruzamento entre a problemática da fome com dinâmica de socialização dos jovens. O fenômeno da fome aparece na área acadêmica como um assunto tangente a outras temáticas. Quando esta temática aparece em pesquisas, são voltadas a tratarem sobre os efeitos imediatos da fome, como a questões de saúde e efeitos físicos no corpo humano.

Os pesquisadores entrevistados indicam a existência de dados no que tange tal problemática, mas o modo que estas informações são analisadas não abrangem a dimensão social do assunto. Isso nos remete a ideia de que a abordagem em relação a pauta de insegurança alimentar está voltada a questões nutricionais quando vistas pela academia. Contudo, não se faz desnecessário tal análise, mas se apresenta como urgente a necessidade de um olhar acadêmico voltado a debater a amplitude do assunto na construção identitária e modo de vida dos jovens inseridos neste contexto.

Em suma, os pesquisadores apontam a influência na socialização dos jovens. Entretanto, a temática se apresenta com potencial de preencher as complexas lacunas no que se refere à insegurança alimentar e a socialização para jovens.

JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

A fim de situar espacialmente *onde* está presente a insegurança alimentar na realidade dos jovens, emergem, novamente, nas respostas dos entrevistados as áreas de periferias e em todas as dimensões da vida.

Olha, principalmente, nas periferias. (Nola Gamalho)

[...] essa dimensão interfere no rendimento na escola, no rendimento do trabalho, interfere nas tuas relações humanas, então, todas condições de vida. O alimento agrega. (Juliana Vargas)

Em relação à fala das professoras podemos enxergar a complexidade intrínseca à problemática da fome e nos sugerem que as periferias são o palco principal para manifestação deste fenômeno social. E é neste momento em que surge um novo segmento social em que a insegurança alimentar está presente, que é na realidade de jovens em situação de rua. Ao comentar sobre a situação, o professor Leandro comenta sobre tal situação em Porto Alegre/RS:

[...] muitas vezes, as pessoas administram a vida contando os mínimos recursos que tem para poder manter a mínima condição de vida, se isso não é insegurança alimentar no sentido mais estrito, tem uma insegurança marcada pela instabilidade humana que a população empobrecida sente, se dá uma crise econômica tem uma parte da população que passa fome. [...] Os moradores de rua são exemplos disso, em Porto Alegre, tem uma dinâmica, por exemplo, Porto Alegre tem concentrações nos bairros Menino Deus, Floresta e centro e essas pessoas têm mais facilidade de pedir dinheiro, comida, etc. (Leandro Pinheiro)

Além da invisibilização social deste segmento, existe, de certa forma, uma invisibilização acadêmica no que se refere a jovens em situação de rua, na busca de trabalhos não encontramos significativas publicações que abordassem a temática de juventudes em situação de rua. Contudo, entendemos que jovens em situação de rua precisam lidar com a administração dos poucos recursos que detém.

Existem diversas formas de violência, além disso, é corriqueiro a associação de violências que envolvem adolescentes e jovens e, geralmente, a sociedade cria estigmas que “acaba por implicar numa série de carências e problemas [...]” (Pugliesi, 2018, p. 290). Violação física, exploração do trabalho e sexual e tráfico são alguns dos exemplos de violências a que jovens de vulnerabilidade social são submetidos. Além disso, existe a violência simbólica produzida socialmente, se torna comum, a partir da visão adultocêntrica, a vinculação de vários problemas sociais às classes sociais de maior vulnerabilidade, assim, criando, como posto por Lopes et al (2008, p. 67), uma “cultura” que estigmatiza essa população. Dessa forma, as situações que circulam os jovens em situação de rua implicam no modo de vida deles e que acaba por violar seus direitos e a cidadania.

***DA REPRESENTATIVIDADE DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE
INSEGURANÇA ALIMENTAR***

Da questão *Como a eventual ação política de jovens frente à insuficiência ou precariedade das instituições interfere em seus cotidianos?* surgem das respostas dos entrevistados uma limitação da representatividade para jovens em situação de vulnerabilidade. De acordo com a professora Juliana:

Acho que não há representatividade suficiente para estes jovens que vem das periferias e de situação de vulnerabilidade para o papel político. Para isso, precisa acabar com as necessidades básicas para pensar em outras coisas. Esse jovem tem que está bem alimentado, ele tem que ter casa, tem que não estar no mundo do trabalho para estar em outro espaço. Nisso, em geral, das periferias se torna difícil. Vamos pensar, quais são as representações políticas dentro da universidade? Quem tem tempo para esse trabalho. (Juliana Vargas)

Analisando a fala da entrevistada podemos vislumbrar a dificuldade de jovens periféricos de terem figuras representativas e de se fazerem representados devido a enorme necessidade de gerirem os setores de seu cotidiano, são jovens que precisam lidar, em muitos casos, com estudo, trabalho, família, entre outras situações. E quando estão situados em insegurança alimentar este quadro tende a se agravar. Entretanto, os entrevistados colocam que nascem movimentos coletivos para suprir essa falta de representatividade, e que possuem grande participação juvenil, e que levam esses sujeitos a se posicionarem diante da insuficiência da ação do Estado.

[...] tem mobilização juvenil. Por exemplo, a cozinha solidária ali na Azenha de Porto Alegre tem uma participação muito expressiva de jovens, politicamente interessados, politicamente engajados. O MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) que coordenaram a cozinha, lá é uma dinâmica interessante, que se preocupa, porque o momento da oferta da comida também fosse um momento de acolhida dessas pessoas de se sentirem mais dignas e falarem de política; o movimento Hip Hop, principalmente, em Esteio recolheu muitas cestas básicas para doação, há iniciativa quando a juventude consegue ter uma organização coletiva. (Leandro Pinheiro)

Entendo que o quadro é diverso, e a gente tem antes da pandemia houve uma ocupação nas escolas, foi um movimento bastante forte neste sentido, enquanto jovem periférico, eles tem essa relação com a escola, sabemos que a escola é um espaço extremamente disciplinador, de conter, então embora existam manifestações, existam ações, e reivindicações, eu entendo que elas ainda são insuficientes dado o contexto e a precariedade, essa tomada de poder é algo que a própria instituição escolar não contribui para que ela se desenvolva, porém temos exemplos como as ocupações nas escolas. (Nola Gamalho)

Ela é essencial [ação política de jovens], é a voz que se faz presente. E que pode fazer com que outros jovens também percebam a necessidade de lutar pelos seus direitos. Não colocaria como “necessidade”, mas possibilidade de luta por seus direitos, para conquistar aquilo que é por direito. Então, algo que “contamina” o jovem ao outro, é uma voz que se faz representativa e empática, igual ao outro. (Juliana Vargas)

As narrativas dos entrevistados nos revelam que a ação coletiva de jovens potencializa suas lutas e reivindicações; e estas organizações coletivas juvenis estão presentes na história de lutas do nosso país, como no período da ditadura, e é nestes grupos que emergem valores e práticas que orientam novos rumos da sociedade (Corrochano; Dowbor; Jardim, 2018). É comum que os jovens periféricos não se reconheçam como parte deste momento visto que as representações em grande massa, do que é “ser jovem”, não condizem com suas realidades. E no momento que reconhecem pontos em comum, e se tem essa coletividade, mobilizam, em muitos casos, para suprirem as necessidades que são de responsabilidade do poder público e assim surgem grandes movimentos sociais fortes e figuras politicamente engajadas.

DO ACESSO LIMITADO ÀS ESTRATÉGIAS/TÁTICAS JUVENIS

Para entender os interesses culturais e como funciona o acesso para quem está em insegurança alimentar, a questão “Quais são os interesses, lazeres, gostos de jovens em situação de insegurança alimentar? É possível afirmar que esses sujeitos possuem esses acessos?” permitiu explicar a questão para os jovens.

Acho que o acesso a cultura, a arte, aos espaços de lazer, reconhecidos pela sociedade, são mais precarizados para os jovens de periferias e para os jovens em insegurança alimentar. Existem custos. Senão o custo da participação é o custo do deslocamento. [...] Mas também podemos dizer que não tenha espaços de lazer, de entretenimento, de diversão, eu acho que eles criam, não tenho dados sobre isso, mas eles criam seus espaços de lazer, de condição, de sociabilidade. [...] eles criam esses espaços, dentro de seus territórios, a gente que desconhece esses espaços, mas tem as festas, os sons, as resenhas. Então, comentando sobre essa questão, a insegurança alimentar existe na periferia, mas a solidariedade também existe nestes espaços, muito mais do que em outros espaços. (Juliana Vargas)

Conforme a fala acima podemos observar que o acesso a serviços culturais e de lazer são mais distantes de jovens de periferias. Existem barreiras espaciais, como a distância entre residência e o serviço prestado, além do mais, existem as barreiras econômicas. Mesmo que seja garantido aos jovens por meio da Lei 12.852/2013 (Brasil, 2013) o direito à cultura, isso não significa que seja efetivamente realidade de todos os jovens brasileiros. Usamos a realidade de Porto Alegre como exemplo, as medidas da gestão do Prefeito Sebastião Melo na reformulação para acesso a meia passagem estudantil criou uma burocratização na obtenção do benefício dificultando aos demais serviços. Entretanto, os jovens desenvolvem maneiras de contornar as dificuldades e alternativas para terem tais acessos.

[...] há algum acesso, mas um acesso muitas vezes produzido pela própria agência, capacidade de articular alguma astúcia. Tem a pesquisa de uma orientanda minha de mestrado com jovens em situação de rua e uma das coisas que ela observava era que os jovens tentavam criar alternativas,

não somente para se proteger mas também para algum consumo cultural. Então, elas criam essas alternativas, a gente não pode olhar para essas pessoas em vulnerabilidade somente a partir da ausência mais flagrante, elas passam fome, é lógico que é uma urgência quando estamos falando de fome, mas é impressionante como as pessoas criam formas de ligar com as coisas que a sociedade produz, apesar dos limites que elas vivem. (Leandro Pinheiro)

Fica perceptível que mesmo que jovens se encontrem em situação de insegurança alimentar buscam formas de acessar formas de sociabilidade e acabam criando alternativas, em grande maioria, dentro de seus territórios. Conforme Duran (2007), inspirada em Michel de Certeau, coloca que toda atividade humana pode ser considerada cultura, mas desde que tenha sentido para quem desenvolve tais práticas. E, de acordo com Vasques, Oliveira e Lacerda (2020) definem, a partir de Certeau, a diferença entre *Estratégias* e *Táticas*:

[...] as estratégias se associam à produção de um lugar que torna possível administrar as relações. Encontramos em Certeau (1998, p. 99) “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...]”. Ao contrário disto, as táticas envolvem ações determinadas pela ausência de um lugar próprio. Para tanto, agem devagar, aproveitando as ocasiões, subvertendo muitas vezes a ordem das coisas ao fazê-las trabalhar com fins e funções distintas daquelas para as quais foram criadas (p. 189).

Podemos considerar que os jovens em situação de vulnerabilidade alimentar e social desenvolvem táticas e estratégias ao analisarmos os cotidianos deles. Para exemplificar, as táticas permito-me colocar uma observação pessoal/profissional, presenciei estudantes de área de periferia de Porto Alegre, em meados de 2022 (com as mudanças já vigentes da concessão do benefício de meia-passagem aos estudantes⁶), ao usarem o transporte público dividirem a

⁶ Nas investigações de Silva (2023) sobre a questão da mobilidade urbana para jovens estudantes do Ensino Médio pontua a dificuldade de obtenção do benefício devido às medidas da gestão atual. Além disso, coloca que uma expressiva redução de beneficiários, cerca de 77% no número de usuários.

mesma passagem, neste caso, os dois estudantes em questão se esforçaram e se espremeram entre as barras da catraca do ônibus para que não precisassem pagar mais uma passagem, portanto, podemos considerar que este acontecimento se configura como uma tática visto a necessidade imediata dos sujeitos de reverterem uma situação e contrariarem a lógica posta a eles. E ao mesmo tempo elaboram estratégias, no momento em que criam espaços para desenvolverem suas práticas, que em certa medida, são restringidas em outros espaços. Alguns exemplos são as praças, festas, ruas, entre outros, que servem para estes jovens como espaços de sociabilidade para que possam desenvolver suas práticas sociais, culturais, artísticas e políticas.

DO ESTIGMA A FORMAÇÃO DE IDENTIDADE JUVENIL

A questão “Você acredita que a insegurança alimentar interfere na construção identitária de jovens inseridos neste contexto?” teve diferentes respostas. Dos entrevistados, dois comentam que, sim, a questão alimentar interfere na construção de identidade juvenil. Conforme dito por uma das entrevistadas:

Acho que sim, acho que ela restringe as possibilidades de vida. Quem tem fome tem pressa, quem tem fome não consegue fazer muita coisa, quem tem fome quer matar sua fome. E isso vai ser sua prioridade, sempre.
(Juliana Vargas)

Podemos relacionar a fala da professora com o que foi dito na introdução deste trabalho. Por exemplo, ao ver responsáveis ligando e indo até a escola em busca de alimentos percebemos que, provavelmente, estes sujeitos já haviam buscado outras alternativas para suprirem essa necessidade e para além do ato de ligar para uma instituição, esses sujeitos precisam enfrentar questões pessoais. Para muitos, o fato de precisarem de ajuda para subsistência pode representar uma vergonha, refletindo diretamente no modo de vida dessas pessoas.

Ao analisarmos a questão da fome podemos compreender como um dos tantos fenômenos sociais que estão nas periferias, que advém de processos históricos e sociais na formação destes espaços. A fome atinge os mais diversos grupos, entre eles, jovens periféricos. E é nas periferias que o processo de construção desses jovens estão marcados por contradições, levando-os a se considerarem ou não como jovens. Desse modo, o enxerto a seguir relata a questão dos estigmas no modo de vida dos jovens.

Bom, podemos voltar neste tema interessante, a questão do estigma, a insegurança alimentar e as ausências que são percebidas. E vai começando formar estigmas conforme a relação com a população. E quando começamos a pesquisar e dialogar com as pessoas com seu local de moradia e seus bairros, aprendemos muito com elas, e aí, a impressão que tenho, existem vários componentes que vão construindo o dia-a-dia e que envolve a construção do preconceito e de autoestima e, de alguma maneira, a fome também. [...] O que eu quero dizer é que as pessoas carregam esses julgamentos nas costas e não é fácil se livrar deles. (Leandro Pinheiro)

Isso nos leva a primeira indagação, o termo *jovens de periferias* remete ao um estigma e que, por vezes, remete ao um conjunto de estereótipos que faz parte do imaginário de grande parte sociedade sobre as juventudes periféricas (ou até mesmo sobre a visão que os jovens constroem sobre eles mesmo). De acordo com Ramos (2018):

Seguindo essa lógica, o estigmatizado, em geral, percebe de forma clara que, independentemente do que seja admitido pelos “outros”, eles, na verdade, não o aceitam e não se dispõem a manter com ele uma relação em bases igualitárias. Por outro lado, os padrões sociais por ele incorporados o tornam susceptível ao que é visto pelos “outros” como seu defeito, levando-o, inevitavelmente, a acreditar que está abaixo dos modelos de referência. Nasce, assim, a vergonha ao se dar conta de que um de seus atributos não é tolerado e pode imaginar-se como um não portador dele (p. 28).

Sendo assim, os estigmas influenciam na construção de identidade e no modo de vida dos jovens, às vezes, como forma de emancipação do que é dito

recorrentemente aos jovens periféricos ou, infelizmente, acabam atribuindo a si mesmo tais valores. Por exemplo, jovens de periferias relatam que em muitos processos seletivos são avaliados a partir das suas características pessoais e sociais estigmatizados, os avaliadores acabam observando a aparência, modo de vestir, comportamentos e o bairro que residem (Band Jornalismo, 2023). Todavia, são esses estigmas sociais que jovens encontram maneiras de manifestar suas realidades, geralmente, por música, arte e posicionamento político. Assim, observamos que os estigmas atribuídos pelos “outros” marcam a vida de jovem e que acabam colocando-os nessa posição de subjugação e que, conseqüentemente, afeta no seu sentimento de pertencimento.

***PROSPECTIVA PARA SUPERAÇÃO DAS BARREIRAS DA
INSEGURANÇA ALIMENTAR***

A questão, “quais caminhos você considera como necessários para superar a insegurança alimentar? E como trabalhar com jovens que estão inseridos neste contexto?” permitiu pensar em espaços e maneiras de sanar a questão da insegurança alimentar para jovens.

[...] aprimorar as políticas públicas das merendas escolares, mas também políticas públicas de espaços de convivência de socialização destas juventudes em seus bairros e cidades, amplas para que eles tenham vários recursos ali. (Nola Gamalho)

Aparece como uma das medidas para contornar a situação é aprimoramento e ampliação de políticas públicas que tenham como foco a realidade de jovens, neste caso, periféricos, visto que são os em maior vulnerabilidade social e alimentar. Acredita-se que sejam necessários esforços voltados a políticas que visem três dimensões, sendo elas, o trabalho, escola e saúde (alimentação).

As políticas voltadas à saúde e à escola devem ser analisadas e pensadas em conjunto, devido a compreensão que a questão da insegurança alimentar deve ser considerada com uma pauta de saúde. No que confere a legislação nacional, o Estatuto da Juventude, no art. 19, O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral (Brasil, 2013), o que não confere garantia a todos jovens brasileiros, pensamos na realidade de grande maioria dos jovens de periferia, especificamente, os quais estão em vulnerabilidade social e alimentar, estes sujeitos não possuem garantias ao acesso alimentação ou refeições ricas em nutrientes, como forma medida de suprir essa necessidade aparece as escolas como espaço de possibilidade e ponte entre os jovens e ao acesso alimentação. Kroth *et al.* (2020, p. 4068-4069) consideram que a ingestão de uma dieta adequada possui um papel importante na promoção do crescimento físico e da manutenção da criança. [...] de extrema importância para as crianças garantirem boa saúde, além de apoiar o desenvolvimento escolar. E é neste cenário que surge a discussão sobre a importância da Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), datada a partir da década de 40 passou por diversas reformulações, entre elas, a Lei nº 11.947/2009 que coloca que a obrigatoriedade do investimento de no mínimo de 30% do recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar (FNDE) para aquisição de produtos alimentícios provindos da Agricultura Familiar, implicando na diversificação alimentar para os estudantes e no acesso alimentos regionais, além dos impactos que extrapolam os muros da escola, como a promoção de empregos e complementação de renda das famílias, apesar de existirem dificuldades para ação total do programa, o PNAE apresenta como uma política necessária ao desenvolvimento pleno de estudantes (Kroth *et al.*, 2020).

Entretanto, existe o desencontro entre o direito à saúde e o direito ao trabalho. Como vimos anteriormente, para que não se tenha a efetividade da insegurança alimentar em seu estado mais grave, os jovens de periferias se

colocam em trabalhos informais nos quais não lhe garantem profissionalização, proteção e remuneração justa, além disso, colocam-os em estado de insegurança alimentar nutricional. Dessa forma, ressalta a importância de políticas que pensem em estratégias para atenderem as demandas das periferias e que busquem o desenvolvimento saudável das juventudes.

Além da pauta das políticas públicas, surgem nas respostas à questão do trabalho coletivo. De acordo com os entrevistados:

Inserindo os jovens em práticas coletivas para que possam desenvolver uma rede de sociabilidade que eles se sintam parte, potente, para que ele desfazer os efeitos do estigma e ao criar isso, também, criando outra narrativa de interpretação daquela realidade que está dada ali. (Leandro Pinheiro)

Ah, é muito complicado. Primeiro que teríamos que pensar no trabalho de gente. Pensar em que espaços a insegurança alimentar precisa ser sanada. E diferentes espaços, pensar na escola, pensar nas práticas esportivas, pensar na assistência social. Enfim, diferentes espaços que estes jovens possam circular e que tivessem alimentos nestes espaços. (Juliana Vargas)

Ao analisar as falas percebemos que os entrevistados colocam a necessidade de uma unidade coletiva para que se tenha a potencialidade dos jovens periféricos. É na coletividade que os jovens conseguem encontrar apoio para superarem os estigmas e apresentarem suas realidades a partir de narrativas e, é nesta coletividade que surgem movimentos sociais, entre tantos exemplos, podemos colocar ação da Cozinha Solidária da Azenha, iniciativa solidária e assistencialista no município de Porto Alegre, inaugurada em 2022, que faz a distribuição de:

[...] refeições para trabalhadores em geral e para pessoas em situação de rua. Uma iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e com apoio, principalmente de pessoas integrantes de diversas áreas, a chamada sociedade civil organizada [...]. A Cozinha Comunitária está em um prédio alugado e pretende servir, em média, 4,5 mil refeições por mês, de segunda a sexta-feira. (Porto Alegre, 2022)

Como posto pela professora Juliana, tais ações precisam de pessoas para prosseguirem e, neste caso, da cozinha, existe grande participação juvenil e figuras políticas que participam de movimentos políticos juvenis e que atendem os grupos populacionais mais vulneráveis.

Retomando a questão para outro espaço, de acordo com Moreira, Santos e Gandin (2019), as escolas de periferias são vistas como o “Estado dos pobres” (p. 2), organizada como um posto do Estado para onde convergem ações de diversas áreas das políticas sociais, a escola sofre um processo de “desescolarização” (Peregrino, 2006), no sentido de a escola sendo menos escola. A culminância de pautas e ações dentro de escolas de periferias, em muitos casos, deve-se pelo fato que em muitas dessas localidades a escola é um dos únicos serviços do Estado que chega até as periferias, sendo assim, a fragilidade que atinge as famílias é transportada às salas de aula por meio dos alunos (Andreolla *et al.*, 1995). Dessa forma, implicando na reformulação das práticas docentes e caracterizando a realidade das escolas. Apesar dos inúmeros dilemas que se manifestam na escola, são nestes espaços que surgem muitas das denúncias sociais.

As reflexões a seguir têm como base a fala da professora Juliana:

É triste falar sobre professores que não entendem que essa dimensão é importante. “Ah, mas vem pra escola só para comer?”, sim, vem pra escola só para comer. Sem comer ninguém faz nada. Eu preciso entender isso, preciso entender que isso é prioridade para poder pensar em viver e aprender formalmente. (Juliana Vargas)

A professora relata sua indignação em relação às falas preconceituosas que já teve que ouvir nos corredores da escola, em seu entendimento, ela coloca a questão da fome como uma pauta prioritária a ser trabalhada e discutida. Contudo, faz alertas em relação a construção de sua identidade docente:

Eu falo isso, porque fui professora de periferia, ninguém fala nisso na formação de alunos. Ter vivenciado essas situações em sala de aula, ter

trabalhado nestes espaços de periferias, me garantiu que eu tivesse esse conhecimento. (Juliana Vargas)

Podemos considerar que a construção da identidade docente tem contribuição significativa dos espaços escolares que circulamos, e que a realidade e a cultura escolar implicam na formação, seja inicial ou continuada, dos professores. Isso nos leva a crer que as escolas de periferias nos formam enquanto professores, a visão que profissionais têm sobre a urgência de tratarem questões sociais emergem dos espaços periféricos. De acordo com Andreolla *et al* (1995, p. 35) coloca a existência de uma especificidade que distingue a escola de periferia de outras escolas é resultado da ação-reflexão de professores que tomam a sua prática como objeto de estudo. Na continuidade de sua fala, a professora Juliana coloca que:

A gente deveria falar disso antes, a gente costuma comentar quando alunos chegam nos estágios obrigatórios, que se deparam com uma realidade que não esperava e precisam adequar seus planejamentos, mas deveria ser muito antes. (Juliana Vargas)

Isso reforça a ideia de que a realidade das escolas periféricas influencia no olhar e, conseqüentemente, na prática docente. Saímos da universidade com o diploma de licenciados (as), mas a formação enquanto professor se dá conforme a vivência em sala de aula. Além disso, o professor Leandro acrescenta que:

Não adianta um professor entrar na aula e falar das condições de pobreza e economia, por exemplo. Tem que ter algo que faça com que os jovens se sintam pertencentes com a rede e protagonista, porque ficar falando só não muda a condição existencial dele. (Leandro Pinheiro)

Esse sentimento de pertencimento e protagonismo deve ser iniciado em sala de aula. De acordo com Cavalcanti (2013):

[...] alguns saberes para a prática da docência: saber Geografia; saber ensinar; saber para quem vai ensinar; saber quem ensina Geografia; saber para que ensinar Geografia; saber como ensinar Geografia para sujeitos e contextos determinados. Entre esses saberes, destaca-se, neste texto: saber para quem vai ensinar. Ao distinguir esse tipo de saber como

fundamental para a formação do professor, quero apontar a necessidade de que os professores conheçam quem são os alunos, suas motivações, sua história e contexto de vida, sua identidade individual e coletiva (pp. 75-76).

É necessário que se tenha um olhar para além do que está empírico na sala de aula, buscar compreender e enxergar as origens de muitas das situações presentes na escola desencadeiam soluções. Parece ser tarefa difícil, e realmente não é fácil, mas pode iniciar com o exercício de ouvir os alunos. Cavalcanti (2013) descreve os saberes necessários para ensinar Geografia e destaca que o saber para quem vai ensinar torna-se um dos principais. Para a prática em sala de aula se faz necessário conhecer os alunos, compreender seus interesses, angústias, dúvidas, curiosidades, entre outros. Isso representa um movimento pedagógico, conectar a realidade dos alunos com o que é visto em sala de aula, é *significar* para eles, visto que são estes os principais sujeitos que constituem a escola.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abramo (1997) apresenta os conceitos de Condição Juvenil e Situação Juvenil conseguimos compreender a diversidade do que é “ser jovem”. A condição Juvenil refere-se justamente neste momento na vida, a juventude, mas devido aos diversos fatores que existem que condicionam os jovens viverem de diferentes formas, dessa maneira, temos a Situação Juvenil. E pensar nas juventudes periféricas contradiz a ideia e a realidade de jovens de classe média. Como exemplo, a questão da moratória social sendo que o ócio para jovens de classe média é socialmente legitimado, visto como um momento de “preparação” para vida adulta e, já para os jovens de periferias, é visto como um problema por terem tempo “livre”, essa concepção em relação a jovens periféricos é uma demonstração da exclusão das diferentes formas de vivenciar o “ser jovem”. Esse

pensamento sobre juventudes periféricas cria um processo de estereotipização na vida desses jovens, o que leva sujeitos a não terem o sentimento de pertencimento ou de se reconhecerem como jovens, visto que as representações sociais hegemônicas em torno do que é considerado “ser jovem” não correspondem com sua vida. A fome pode ser compreendida como um fenômeno social que abrange diversos setores da sociedade. Dessa forma, ao pensar neste fenômeno associado à juventude é investigar como a condição juvenil é vivenciada e quais setores de suas vidas são interferidos.

O uso de entrevista estruturada permitiu criar pontes entre as hipóteses e a percepção dos pesquisadores entrevistados. Além disso, como a pesquisa tem caráter exploratório e por se tratar de uma temática sensível, optou-se por entrevistas com pesquisadores do campo de juventudes voltados a investigar questões de periferias.

Analisando as entrevistas foi possível traçar horizontes na compreensão de quem são os jovens em situação de insegurança alimentar. Descobrimos que são os jovens periféricos os mais suscetíveis à insegurança alimentar. E existem características específicas para situação juvenil destes, por exemplo, estes jovens entram no mercado de trabalho informal para distanciar-se da fome, mas se encontram em insegurança nutricional e deixam de frequentar a escola. Também surge a questão dos estigmas na influência no modo de vida desses sujeitos e no sentimento (ou não) de pertencimento juvenil, visto que lhe faltam representatividade. Essas questões em torno dos jovens de periferia demonstram a heterogeneidade da juventude e como o Estatuto da Juventude não abrange a todos, podemos observar que estes jovens não possuem garantia suficiente no que tange saúde, educação e trabalho. Mas ao mesmo tempo os jovens a partir de sua capacidade de agência conseguem superar tais barreiras.

Além disso, evidencia-se que existe uma relação entre a formação dos professores e os espaços nos quais circulam, percebemos que a prática docente

deve ser condizente com a realidade dos alunos para que se tenha *significação* a eles. É necessário conhecer os principais sujeitos que constituem a escola, os estudantes. Compreender suas motivações, dúvidas e dificuldades é um movimento pedagógico para processo de aprendizagem. E ao mesmo tempo, essa ação de mapear seus alunos, significa conhecer o espaço vivido por eles, por consequência, contribuem na formação docente, seja inicial ou contínua.

Por fim, a reflexão de Paulo Freire⁷, que quando questionado sobre “o que vem primeiro, comida ou educação?”, responde que:

Na medida em que você engaja numa luta, ou engaja outros numa luta como essa, em grandes aspectos, você também está fazendo educação. [...] com fome é difícil a gente estudar. [...] Mas de modo algum separar a luta para comer da educação, uma coisa puxa a outra.

Dessa maneira, os questionamentos e reflexões deste trabalho perpetue nos mais diferentes espaços e que possa contribuir para mudança do olhar sobre o que é “ser jovem”.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. (2005). *Condição juvenil no Brasil contemporâneo. Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. Editora Fundação Perseu Abramo.

_____. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação. ANPEd*, 5, 25-36. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstrat

AMARAL, M. DE F. DO (2011). *Culturas juvenis e Experiência Social: Modos de Ser Jovens na Periferia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-

⁷ Entrevista concedida por Paulo Freire ao programa Escola Viva da TV Cultura, em 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bwvHZJLfhYE>. Acesso em: 08/01/2024.

- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28825>
- ANDREOLLA, N. & MARCO, R. de (1995). A escola de periferia no olhar do professor-pesquisador. *Revista Espaço Pedagógico*, 2(1), 31-62. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14485>
- BRASIL (2016). *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- _____. (2013). *Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude-SINAJUVE. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.html
- BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME (2019). *Conheça o PNAE*. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-rural/paa/paaci/pnae>
- CAMPELLO, T. & BORTOLETTO, A. P. (2022). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. Editora Elefante.
- CAMPOS, R. A. (2010). *A fome do estudante noturno: um estudo de caso em uma escola pública em Salvador, Bahia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, Universidade Federal da Bahia, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11508>
- CASTRO, J. DE (2002). *Geografia da Fome: o dilema do brasileiro: pão ou aço* (2ª ed.). Editora Civilização Brasileira.
- CAVALCANTI, L. de S. (2013a). Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e Práticas Espaciais Urbanas e Cotidianas. *Revista Caderno Prudentino de Geografia*, v. Especial, (5), 74-86. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>
- _____. (2013b). Juventudes, Ensino de Geografia e Formação/Atuação Cidadã. Em V. H. NEDEL OLIVEIRA (org.), *Geografias das Juventudes* (pp. 155-179). GEPJUVE.
- CORROCHANO, M. C., DOWBOR, M. & JARDIM, F. (2018). A Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? *Revista Laplage em Revista*, 4(1), 50-66. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003047777>
- DUARTE, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Revista Educar*, (24), 213-225. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/abstract/?lang=pt>

- DURAN, M. C. G. (2007). Maneiras de pensar o cotidiano com Michel De Certeau. *Revista Diálogo Educa*, 7(22), 115-128. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v07n22/v07n22a08.pdf>
- GAMALHO, N. P. (2023). Juventudes e as Periferias. Em V. H. NEDEL OLIVEIRA (org.), *Geografias das Juventudes* (pp. 39-59). GEPJUVE.
- GIL, A. C. (2021). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- GONÇALVES, P. DOS S. & PINHEIRO, L. R. (2021). Antinomias de uma condição? Reflexões sobre juventude e situação de rua. Em E. de ALMEIDA, L. R. PINHEIRO, L. A. GROppo & M. FIGUEIREDO IRIART (orgs.), *Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos: uma antologia do GT03 da ANPEDd* (pp. 337-355). Pedro & Joao Editores. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/images/almeida_et_al_movimentos_sociais_sujeitos_e_processos_educativos_1.pdf
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (2018). Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018. Brasília. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/24786-pesquisa-de-orcamentosfamiliares-2.html>
- JOSEFA, J. (17 de junio de 2022). Cozinha Solidária reaberta na Azenha. *Câmara Municipal de Porto Alegre*. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/cozinha-solidaria-reaberta-na-azinha>
- MOREIRA, S. C., SANTOS, G. S. DOS & GANDIN, L. A. (2019). Desescolarização do Ensino Fundamental nas periferias urbanas de Porto Alegre: entre o ensino e a gestão da pobreza. *39º Reunião Nacional da ANPED*, 1-7. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_18_9
- PEREIRA, M. H. DE F. & SARTI, F. M. (2010). A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. *Revista História da Educação*, 14(31), 195-217. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627138008.pdf>
- PICCOLOTTO, L. (2022). Brasil produziu comida para 1,6 bilhão, mas 33 milhões passam fome. Como? *BrazilLAB*. Disponível em: <https://brazillab.org.br/noticias/brasil-produziu-comida-para-1-6-bilhao-mas-33-milhoes-passam-fomecomo#:~:text=Em%202021%2C%20o%20Brasil%20alcan%C3%A7ou,choca%3A%2033%2C1%20milh%C3%B5es>
- RAMOS, R. F. d'A (2018). *Juventude da periferia do estigma ao modo de vida*. Appris.

-
- REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (PENSSAN) (2021). Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (I VIGISAN). Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/olheparaafome/>
- SCHERER, G. A. (2022). Junenecídio, Território e Políticas Públicas: Rastros de Sangue na Cidade de Porto Alegre. *CirKula*. Disponível em: <https://livrariacirkula.com.br/produto/9786589312697>
- SILVA, G. B. DA (2023). *A “reforma” do ensino médio pela perspectiva de jovens escolarizados: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual em Porto Alegre-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/264376>
- SILVA, P. M. V. DA (2022). *O conceito de Racismo Estrutural: Aplicação no campo do Direito*. Trabalho de Conclusão de Curso de Direito. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50275>
- TOMMASI, L. DE & CORROCHANO, M. C. (2020). Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, 34(99), 353-371. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/>
- VASQUES, D. G., OLIVEIRA, V. H. N. & LACERDA, M. P. C. (2022). Táticas e estratégias para a educação durante a pandemia: um estudo sobre o Colégio de Aplicação da UFRGS. *Revista Humanidades & Inovação*, 8(62), 186-198. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4330>